

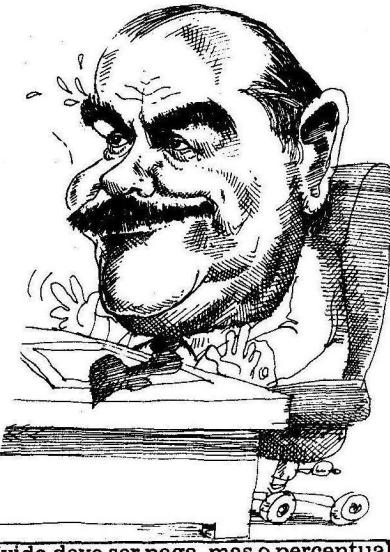
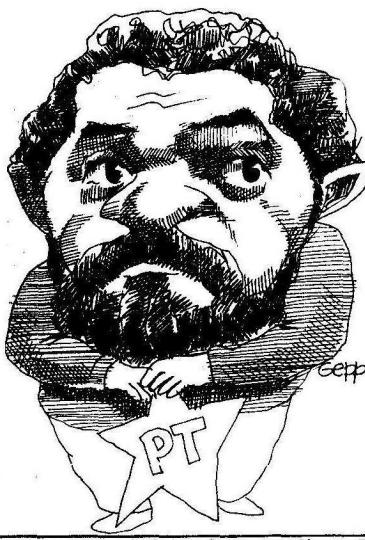
DÍVIDA EXTERNA

Pesquisa: os brasileiros não gostam de calote.

JORNAL DA TARDE

19 JUL 1985

Lula disse, em Cuba, que "não queremos, não podemos e não devemos pagar a dívida externa". Uma pesquisa do Instituto Gallup mostra que 80% dos brasileiros não concordam: acham que a dívida deve ser paga, embora não concordem que, para isso, se deva seguir as regras do FMI.



Opinião dos brasileiros

	Desemprego		Inflação		Dívida Externa	
	1983	1985	1983	1985	1983	1985
- um problema muito grande	81	87	84	84	71	81
- um problema normal	11	9	10	10	11	8
- um pequeno problema	1	1	1	1	1	1
Não responderam	7	3	5	5	17	9
Totais	100	100	100	100	100	100

Ao contrário do que disse Luís Inácio Lula da Silva, quarta-feira, em Cuba, os brasileiros querem, por maioria absoluta (80%), pagar a dívida externa. Entretanto, estão cada vez menos certos de que recorrer ao Fundo Monetário Internacional foi um bom caminho e cada vez mais convencidos de que o problema é muito grande (81%), quase tanto quanto o da inflação (84%) e do desemprego (87%).

Essa tendência à maior preocupação com a dívida externa foi observada em pesquisa realizada entre 15 de maio e 10 de junho pelo Instituto Gallup de Opinião Pública, que trabalhou sobre dados colhidos em 2.740 entrevistas feitas em 22 Estados e 206 cidades, porém com forte concentração (54%) na região Sudeste (São Paulo, Rio e Espírito Santo) e nas capitais (33%) ou cidades com mais de 50 mil habitantes (34%).

As comparações foram feitas pelo Gallup em relação a uma pesquisa feita em 1983, ou seja, no auge da crise da dívida, quando personalidades da expressão do atual chanceler, Olavo Setúbal, temeram um impasse nas negociações com o Exterior. A maior preocupação, agora, com a questão do endividamento, evidencia que cresceu o número daqueles que passaram a atribuir ao FMI a responsabilidade pelos problemas internos da economia brasileira — opinião comparti-

lhada ou defendida publicamente por pessoas tão diferentes quanto o ex-ministro Delfim Neto e economistas ligados ao PMDB paulista, como Luiz Gonzaga Belluzzo e o titular da Seplan, João Sayad.

A preocupação com a dívida externa é maior entre o segmento da classe alta (A) e média (B), nas quais, respectivamente, 78 e 79% consideram que será difícil pagar a dívida. Em contraposição, decresceu o número daqueles que acham a dívida fácil de pagar, numa evidência tanto da dimensão do problema quanto do progressivo entendimento de que é impossível — e não recomendável — eliminar a dívida com o Exterior. Aliás, neste momento, constata-se que até o país mais rico do mundo, os Estados Unidos, tende a transformar-se em tomador líquido de recursos, ou seja, em devedor. Um dos quadros interessantes da pesquisa mostra que, hoje, mesmo após o País ter eliminado seu déficit em contas correntes em 1984 e estar próximo de um relativo equilíbrio em 1985 (com previsão de déficit de US\$ 1,6 bilhão), 42% dos brasileiros acham que é mais difícil pagar a dívida, contra 39% em 1983, ano em que o déficit em transações correntes atingiu US\$ 6,8 bilhões (após os US\$ 16,3 bilhões de déficit em 1982).

Pagar ou não

A maioria absoluta continua achando

que a dívida deve ser paga, mas o percentual caiu de 86% dos entrevistados em 1983 para 80% em 1985. Em contrapartida, cresceu de 9 para 16% o percentual daqueles que consideram que a dívida não deve ser paga, ou, então, que deve ser paga devagar, a longo prazo (46% em 1985 contra 42% em 1983), e não a curto prazo (38% em 1985 contra 40% em 1983). Dos que acham que a dívida não deve ser paga, 9% (contra 4% em 1983) responderam afirmativamente à questão de "parar de pagar até ter dinheiro para isso". E 7% (contra 5% em 1983) acham que deve-se "dizer desde já que não vai pagar".

FMI

Em 1983, 53% achavam que o Brasil fez bem de pedir ajuda ao FMI, mas esse percentual caiu a 45% em 1985. Em contrapartida, cresceu de 29% para 37% o número daqueles que passaram a considerar que o País fez mal em pedir socorro ao Fundo.

A oposição à ajuda do FMI está mais concentrada na região Sudeste, porém em todas as regiões cresceu o número daqueles que são contra o acordo com o Fundo.

Dos entrevistados, 41% têm entre 18 e 29 anos, 41% estão entre 30 e 49 anos, 18% têm 50 anos ou mais. O predomínio entre os consultados, por entrevistas pessoais e domiciliares, esteve nas classes C (33%) e D (35%).